

Italo Moriconi (UERJ)

SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux de (org.). *Literatura e Homoerotismo*. São Paulo: Scortecci Editora, 2002.

Esta coletânea de ensaios crítico-teóricos, organizada pelo Prof. José Luiz Foureaux de Souza Jr., da Universidade Federal de Ouro Preto, insere-se no processo de surgimento e consolidação de uma vertente de estudos gays e lésbicos na área de Letras em nosso país. O campo vem se adensando desde a realização dos Encontros de Pesquisadores Universitários sobre Literatura e Homoerotismo, organizados pela Pós-Graduação em Letras da UFF nos anos de 1999 e 2000, sob a liderança dos Profs. Mário Lugarinho e Sérgio Aboud, desdobrados num terceiro Encontro, em 2001, patrocinado pela Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, quando foi criada a Associação Brasileira de Estudos da Homocultura.

Desde o primeiro encontro ficou claro o caráter trans ou multidisciplinar do campo, com Letras, aqui como alhures, exercendo o papel da locomotiva acadêmica em matéria de assuntos dessa ordem. *Et pour cause*, sem querer ofender ou excluir aqueles que não simpatizam ou não se abrigam sob as cores da bandeira do arco-íris. Sem querer também minimizar o pioneirismo de uma série de estudiosos que já vinham pegando o touro à unha nas Ciências Sociais. O dado que Letras traz para o debate e para a formação do campo, sempre aqui como alhures, é a exacerbação do viés subjetivo como elemento intrínseco, e politizador, da agenda crítico-teórica. De qualquer modo, o nome que finalmente se resolveu dar à Associação de Pesquisadores revela que Letras não quer ser melhor do que ninguém e aparentemente aceitou situar-se, no espaço de negociações que foi Vitória, como uma disciplina entre outras, dentro da configuração ainda não muito bem compreendida dos Estudos Culturais. Enfatize-se que, ao nosso lado, entraram também com força na rede alguns

novos *scholars* (se é que essa palavra faz sentido no Brasil) da área de Comunicação.

Nos sucessivos encontros, destacou-se uma vanguarda de pensadores-pesquisadores que levam à frente a reflexão acadêmica literária sobre os temas gay-lésbicos, assim como foi possível constatar a expansão do interesse por esses temas em diferentes *campi* do país, com um número crescente de dissertações e teses em Literatura enfrentando corajosamente a questão “queer”. Livros como *O Homem que Amava Rapazes*, de Denilson Lopes, prof. de Comunicação da Universidade de Brasília (Rio, Ed. Aeroplano, 2002), assim como a coletânea *A Escrita de Adé* (S. Paulo, Xamã Editora, 2002, org. Rick Santos e Wilton Garcia) dão o quadro atualizado desse duplo rendimento – por um lado, nascimento de uma nova geração universitária de talentos críticos dotados de estilo individual e força singular; por outro, paralelamente, consolidação de uma rede estimável de bons pesquisadores, os operários do saber, os imprescindíveis devotos da empiria. Na frente internacional de brazilianistas e lusitanistas, destaca-se ainda o volume *Lusosex – Gender and sexuality in the Portuguese-speaking world* (University of Minnesota Press, 2002), organizado por Susan Quinlan (Univ. Georgia) e Fernando Arenas (Univ. Minnesota).

A coletânea organizada pelo Prof. José Luiz Foureaux Jr. tem o mérito de reunir ensaios escritos por alguns dentre outros acadêmicos que, ao lado de Denilson Lopes e dos editores das coletâneas mencionadas, se afirmam igualmente como expoentes do campo em formação, como é notadamente o caso do Prof. José Carlos Barcellos (Letras – UFF) e de nossa colega na Pós-Graduação da UERJ, Prof^a Eliane Borges Berutti.

Retrógrada ou anacrônica é a posição daqueles que criticam o surgimento de um campo de estudos gay-lésbicos no Brasil, acusando seus praticantes de meros imitadores ou importadores de mais uma moda acadêmica pós-moderna do primeiro mundo, que nada teria a ver com nossa realidade. Se não é disfarce ou álibi homofóbico, esse argumento não se sustenta. O saber circula em escala global, universal. Não existe algo como um ordenamento “brasileiro” do saber, distinto do universal, embora seja óbvio que principalmente no campo das Ciências Humanas devemos lutar para construir a modu-

lação brasileira do saber universal. De mais a mais, a vocalização militante da homossexualidade, assim como a expansão de um braço acadêmico de estudos sobre o assunto, corresponde a processos histórico-culturais inerentes à evolução da cultura laica (e mesmo religiosa) ocidental/global-local, dentro da qual se insere a cultura universitária urbana.

Verificar a adequação ou inadequação das categorias norte-americanas sobre assuntos de homossexualidade em relação à realidade brasileira é uma preocupação presente em todos os ensaios da coletânea *Literatura e Homoerotismo*. Traço comum é a tentativa de realizar reflexões teóricas autônomas a partir do *corpus* já estabelecido de referências, predominantemente estrangeiras. Mas no que diz respeito a esse ponto por assim dizer preliminar da questão, a vertente gay-lésbica dos Estudos Culturais tupiniquins poderá beneficiar-se de uma série de reflexões já realizadas no campo das Ciências Sociais sobre essas questões de apropriação e refuncionalização teórico-metodológica.

Mencionem-se os magníficos estudos sobre sexualidade, homossexualidade, homoerotismo, Aids e doenças venéreas, desenvolvidos nos anos 80 no âmbito do Instituto de Medicina Social da UERJ, com destaque para o trabalho de pesquisadores como Edward McRae, Richard Parker, Sérgio Carrara, Jurandir Freire Costa, entre outros. Cabe também lembrar os trabalhos de Luiz Mott e Peter Fry na Antropologia, James Green na História (este mais recente) e, *last but not least*, numa esfera extra-universitária, o texto mítico e maior, *Devassos no Paraíso*, de João Silvério Trevisan, reeditado pela Record em 2000. Casamento extremamente bem-sucedido entre toda essa bagagem prévia e a abordagem de um corpus literário gay (tanto crítico quanto ficcional) foi concretizado pelo pesquisador Marcelo Secron Bessa, em seu livro *Os Perigosos – Autobiografia e Aids* (Rio, Ed. Aeroplano, 2002), originalmente tese de doutorado, agora talvez um dos cinco ou dez livros mais importantes de crítica literária universitária publicados nos últimos 5 anos no Brasil.

Em toda essa bibliografia, uma questão de fundo é a da especificidade da condição homossexual no Brasil, tema que de certa forma já estava presente até num clássico da “história da vida privada” como é o próprio *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre.

Portanto, quem chama os estudos gay-lésbicos no Brasil de mera importação norte-americana mostra-se desinformado sobre o andamento da produção acadêmica nacional no setor das Ciências Humanas. Em matéria de teorias gays e lésbicas, há pelo menos 25 anos nós estamos realizando aquilo que Eliane Berutti defende, com toda razão, em seu artigo na coletânea: estamos canibalizando, antropofagizando o que nos chega do *Big Brother*, buscando falar de igual para igual com os *brothers* e as *sisters* de qualquer hemisfério e latitude.

O volume organizado por Foureaux de Souza Jr. distingue-se pelo fato de assumir uma proposta bastante clara. Os ensaios aqui reunidos originam-se das discussões travadas em simpósio realizado em novembro de 1999, na cidade de Mariana (MG), pouco depois do primeiro encontro de Niterói. Tais discussões na verdade giraram em torno do texto seminal de José Carlos Barcellos, o alentado ensaio que abre o volume, intitulado “Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas”. Na raiz do simpósio de Mariana, assim como ao longo de todo o ensaio de Barcellos, a questão central é assegurar o lugar do *específico literário* no campo dos estudos gay-lésbicos, tendo em vista estes últimos estarem nascendo no Brasil enquanto parte da emergente área dos Estudos Culturais.

Trata-se de assegurar a disciplinaridade do literário dentro da multidisciplinaridade do cultural. Mais ainda que isso, no caso do ensaio de Barcellos, assegurar a ênfase na “alta literatura” como espinha dorsal e objeto privilegiado de consideração no âmbito das abordagens estritamente literárias do homoerotismo. Portanto, o projeto de Barcellos, assumido pelo simpósio de Mariana e desenvolvido (ou questionado e complementado) pelos demais ensaístas do volume, deixa de lado o caráter militante dos estudos gay-lésbicos e se concentra na possibilidade de uma crítica literária renovada por tais estudos.

A respeito de um ponto não pode restar dúvida. O ensaio de José Carlos Barcellos representa um primor de reflexão teórico-metodológica, buscando apresentar não só categorias operacionais mas também uma perspectiva ética e teórica abrangente que podem efetivamente, a meu ver, funcionar como um guia seguríssimo para

novos pesquisadores que estejam interessados em desenvolver projetos relacionando literatura a homoerotismo. Barcellos faz um *survey* e uma avaliação de alto nível do que havia de mais pertinente até 1999 em termos de bibliografia na teoria literária sobre questões de homossexualidade e homoerotismo, bibliografia esta que, passados quatro anos, não perdeu em nada sua pertinência ou atualidade. É um artigo exemplar em matéria de rigor científico, qualidade que muitas vezes falta na produção em nossa área e que, verdade seja dita, não encontramos nas mesmas doses generosas em nenhum dos demais textos da coletânea, em que pese a contribuição que cada um deles traz, principalmente os de Eliane Borges Berutti e Kátia da Costa Bezerra. Esses dois últimos textos são particularmente interessantes porque trazem o contraponto da questão lésbica, preenchendo vazios deixados pelo texto de Barcellos, que se recorta deliberadamente dentro da questão exclusivamente gay ou homoerótica masculina.

Com efeito, ainda está por verificar até que ponto as questões antropológicas (no sentido filosófico da palavra), políticas, teóricas e metodológico-analíticas referentes à homossexualidade masculina podem ser incorporadas acriticamente pelo universo das questões lésbicas. Como aponta o ensaio de Kátia Bezerra, a questão lésbica se adensa *no interior* do debate feminista, de modo que sua história política e disciplinar tem certa especificidade em relação à emergência da questão especificamente gay. Por outro lado, não se pode separar a emergência da idéia de “gay power” nos anos 60 do questionamento das ideologias patriarcalistas e falocráticas que marcou o feminismo da mesma época. Assim, a questão gay masculina surgiu aliada ao feminismo radical da contracultura. Contrastivamente, a questão lésbica surge como uma espécie de costela (costela de Eva...) nesse movimento maior.

O longo e sustentado ensaio de José Carlos Barcellos traz uma tentativa de normalização e normatização disciplinar da questão gay-lésbica (ou “queer”) no Brasil. Sua preocupação fundamental é construir as bases para uma abordagem séria e erudita (*scholarly*) do assunto, visando fortalecer e legitimar a área no quadro do saber universitário. Claramente, Barcellos quer desvincular o saber sobre homoerotismo de certa histeria ou deslumbre militante, assim como, aparentemente, construir um cordão sanitário em torno do tema para

evitar a homofobia derrisória, que reproduz entre acadêmicos o que se passa freqüentemente nas ruas e nos botecos: a ameaça sempre presente de desqualificação e humilhação pública da bicha e da sapata. Isso não quer dizer que Barcellos busque despolitizar ou tirar o gume desafiador inerente ao campo dos estudos gay-lésbicos. Muito pelo contrário, ele tenta incorporar teórica e metodologicamente o combate à homofobia como *conditio sine qua non* e razão de ser do progresso do campo. Sua plataforma é criar condições para que se possam disseminar programas de pesquisa epistemologicamente fundamentados, por certo, mas tais programas deveriam necessariamente estar vinculados a uma visão crítica da sociedade.

Não há como separar, para Barcellos, estudos homoeróticos de uma teoria crítica da sociedade e da cultura. Por outro lado, a tese ousada e ao mesmo tempo fascinante por ele exposta é a de que o homoerotismo representaria não só uma questão absolutamente central na constituição da subjetividade ocidental, como, principalmente, estaria na base de qualquer compreensão válida do sentido da alta literatura. Daí porque a proposta de pesquisa de Barcellos não deixa margens a dúvidas: ele acha que os estudos literários “queer” devem tomar por objeto prioritariamente as grandes obras literárias da tradição ocidental culta, tipo Proust, Shakespeare, Guimarães Rosa e por aí vai. O elo entre alta literatura, modernidade e homoerotismo seria indissolúvel, tese com a qual o autor desta resenha concorda bastante, sem pretensões, porém, de achar que este elo forneça uma chave totalizante do conhecimento do literário canônico. Seja como for, por causa desse *a priori* ousado – que, claro, associa-se a formulações de estudiosos seminais como Eve Kosofsky Sedgwick e Jonathan Dollimore – o ensaio de Barcellos acaba tecendo um precioso enredo juntando reflexão sobre leitura homoeroticamente orientada a teoria da leitura *tout court*. Assim, o ensaio se revela útil, na medida em que há mestrandos e doutorandos que chegam à questão gay-lésbica por interesses pessoais e militantes, revelando-se carentes de conhecimento suficiente da teoria da literatura. Pois o texto de Barcellos orienta o jovem pesquisador também nesse caminho.

Se o ensaio de Barcellos é impecável como *survey* e avaliação de todo o elenco de questões pertinentes no debate, inclusive as espinhosas questões terminológicas, seu ponto polêmico é o

enquadramento teórico maior. Assim como ocorre de forma virulenta e confusa no caso de Leonardo Mendes, e, de maneira mais discreta e de certo modo menos comprometedora no de Kátia Bezerra, Barcellos pretende desvincular os estudos homoeróticos de paradigmas como pós-modernismo, pós-estruturalismo, desconstrução e mesmo Estudos Culturais (na medida em que reafirma a precedência do literário sobre outras formas de cultura, por ser o “alto literário” segundo ele, com Bloom e outros, sempre crítico, radical, transgressivo). Sua abordagem apela para a hermenêutica gadameriana e se constrói em nome do progresso da humanidade, citando até Sartre, num ecletismo que está menos na junção entre pensamentos díspares e mais na própria configuração híbrida do campo, tal como Barcellos o vê. É bem verdade que existe uma vertente gay conservadora, de que o americano Andrew Sullivan seria um exemplo, assim como pensamentos religiosos avançados, principalmente protestantes (e a hermenêutica gadameriana tem raízes numa teologia de cunho reformado), já incorporaram uma visão “queer” das relações de sexo e gênero.

O problemático não é tanto a opção teórico-filosófica e estética de Barcellos. O problemático é a ligeireza com que ele descarta a desconstrução. Mais problemática ainda, problemática demais, é a diatribe de Leonardo Mendes contra um pensamento pós-moderno de que este autor dá mostras de sequer conhecer bem, a começar pelo fato de que fala em “projeto” pós-moderno, quando todo o debate pós-moderno (o europeu, pelo menos) começou justamente com a crítica a todo e qualquer projeto... O texto de Leonardo Mendes é o exemplo de uma posição em que prevalece a *persona* do militante em catarse sobre a do estudioso engravatado que Barcellos parece querer promover.

Os limites da tentativa de normatização disciplinar da questão homoerótica são de alguma maneira tocados pelo ensaio quase incompreensível assinado pelo organizador da coletânea. Trata-se de uma seqüência de circunlóquios, dos quais o que este resenhador pôde depreender é que o autor anda à contracorrente do próprio grupo de Mariana que ele mesmo convocou, com exceção, é claro, de Eliane Borges Berutti, pois nossa colega na UERJ permanece fiel – *malgré elle-même*, talvez? – aos princípios radicais do pós-modernismo norte-americano, os quais, no humilde ver deste resenhador, são mais

adequados ao legado de Stonewall do que apelos ao discurso humanista tradicional. Pelo que este resenhador pôde entender, José Luiz Foureaux de Souza Jr. questiona a confiança humanista (renascentista? iluminista?) manifestada por Barcellos na tentativa de normalizar curricularmente a questão homoerótica. Talvez não seja mesmo possível descartar dessa questão o seu lado “gay” – alegre, abusado, cínico (no bom sentido) e inelutavelmente extra ou antidisciplinar. Se como diz Foureaux, todo currículo é fetiche, então o currículo é o fetiche de Barcellos. É óbvio porém que o saber não pode viver sem fetiches. Quando afirma que todo currículo é fetiche, Foureaux repete sem citar o pedagogo mineiro Tomaz Tadeu da Silva. Ou talvez tenha sido Foureaux o primeiro a falar no assunto – eis aí uma questão mineira.

A coletânea *Literatura e Homoerotismo* vem preencher uma lacuna nos estudos literários e culturais em nosso país. É com estas palavras que o resenhador gostaria de encerrar sua tarefa. Uma das coisas que ela traz de interesse para quem tem interesse específico na questão gay-lésbica é o debate terminológico. O debate terminológico talvez ainda seja um dos aspectos centrais na constituição do campo, em nível de prolegômeno mesmo. Não se trata de um debate nominalista, pois o que está em jogo aí é nuançar a compreensão do arco-íris da subjetividade. O título da coletânea revela a opção de quase todos os ensaístas pelo termo homoerotismo, seguindo a proposta de Jurandir Freire Costa e levados pela mesma motivação moral. Eliane Berutti escreve de uma perspectiva “queer” e “transgender”, trazendo toda uma série de novas questões, inspiradas por um contexto nova-iorquino, que no entanto podem ser úteis para descrever comparativamente a própria cena brasileira do travestismo, um fetiche nacional.

Um dos pares conceituais fundamentais elaborados nos marcos desse debate terminológico é formado pelos termos *homossociabilidade* e *homoerotismo*. Homossociabilidade refere-se a todos os tipos de relacionamentos específicos a um gênero, relações não-eróticas que são fator de distinção social entre o masculino e o feminino. Dentro do mundo, existem um “mundo dos homens” e um “mundo das mulheres” e homossociabilidade refere-se às relações estabelecidas dentro de cada um desses mundos. Em princípio,

a homossociabilidade teria por princípio o veto a uma erotização das relações entre indivíduos do mesmo sexo, sendo esse veto a própria condição de possibilidade de existência da homossociabilidade. Depois de Freud, Lacan e, por que não?, de Eve Sedgwick e Judith Butler, parece claro que este enunciado lógico (ou ingênuo) precisa ser questionado, investigando-se então os graus de erotização no interior da homossociabilidade, até chegar à tentativa de descrever e conceituar a homossexualidade propriamente dita, nos marcos de uma descrição e conceituação da cultura sexual. O laço social conteria sempre um elemento libidinal. O par sociabilidade/erotismo obtém uma interessante tradução no âmbito lésbico, através da expressão “lesbian continuum” criada pela grande poeta e ensaísta americana Adrienne Rich, citada no ensaio de Katia Bezerra.